

**PROGRAMA DE MESTRADO EM MEIO AMBIENTE E
DESENVOLVIMENTO REGIONAL
UNIVERSIDADE ANHANGUERA - UNIDERP**

MARCELA PAIVA DA SILVA

**EFEITOS TERRITORIAIS DE GRANDES EMPREENDIMENTOS URBANOS: O
TERRITÓRIO DA FEIRA CENTRAL DE CAMPO GRANDE E AS
TRANSFORMAÇÕES NO ESPAÇO**

CAMPO GRANDE – MS

2011

MARCELA PAIVA DA SILVA

**EFEITOS TERRITORIAIS DE GRANDES EMPREENDIMENTOS URBANOS: O
TERRITÓRIO DA FEIRA CENTRAL DE CAMPO GRANDE E AS
TRANSFORMAÇÕES NO ESPAÇO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em nível de Mestrado Acadêmico em Meio Ambiente e Desenvolvimento Regional da Universidade Anhanguera-Uniderp, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Meio Ambiente e Desenvolvimento Regional.

Orientação: Prof.^a Dr.^a Mercedes Abid Mercante

CAMPO GRANDE – MS

2011

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)


Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Anhanguera – Uniderp

S581e	<p>Silva, Marcela Paiva da.</p> <p>Efeitos territoriais de grandes empreendimentos urbanos: o território da Feira Central de Campo Grande e as transformações no espaço. / Marcela Paiva da Silva. -- Campo Grande, 2011.</p> <p>30f.: il. color</p> <p>Dissertação (mestrado) – Universidade Anhanguera - Uniderp, 2011.</p> <p>“Orientação: Profa. Dra. Mercedes Abid Mercante.”</p> <p>1. Campo Grande 2. Grandes empreendimentos 3. Feira Central. 4. Território 5. Identidade I. Título.</p>
	CDD 21.ed. 574.52


FOLHA DE APROVAÇÃO

Candidata: **Marcela Paiva da Silva**

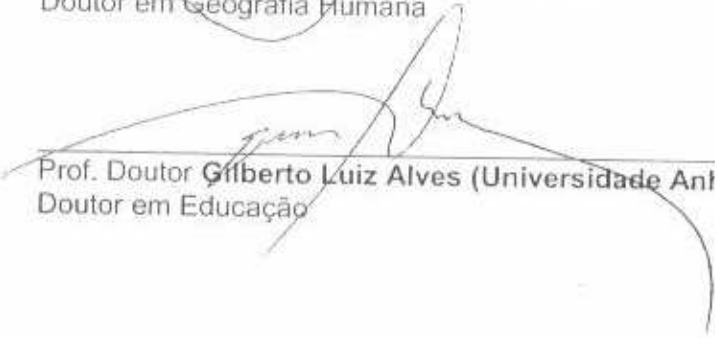
Dissertação defendida e aprovada em 19 de agosto de 2011 pela Banca Examinadora:



Prof. Doutora **Mercedes Abid Mercante (Orientadora)**
Doutora em Geografia Física



Prof. Doutor **Vicente de Paulo da Silva (UFU)**
Doutor em Geografia Humana



Prof. Doutor **Gilberto Luiz Alves (Universidade Anhanguera - Uniderp)**
Doutor em Educação

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, por ter me dado a oportunidade de adquirir mais conhecimento. A minha família por sempre me apoiar e demonstrar entusiasmo por meus planos e conquistas. Ao meu esposo Armando por me incentivar e nunca lançar a mim palavras negativas ou de desânimo, e a quem eu amo e admiro muito. A minha filha Manuela que nascerá brevemente e compartilhará comigo mais essa conquista, pois é por ela.

A minha querida professora Orientadora Mercedes, a qual sempre esteve presente no decorrer do curso e da realização dos meus trabalhos. Ao meu querido professor Vicente, por ter me recebido exemplarmente na Universidade Federal de Uberlândia, e estar sempre disponível as minhas dúvidas.

Aos meus colegas de curso, por promoverem um ambiente de aprendizagem acolhedor e satisfatório, e em especial minha colega Suellem Petilim, que não mediu esforços para me ajudar. Além de todos os professores do programa de mestrado, que no decorrer do curso, se dedicaram exaustivamente em passar o melhor de si para nós, seus alunos.

Ao Programa Nacional de Cooperação Acadêmica - PROCAD, instituído e com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES, por meio do qual foi possível a realização de estágio supervisionado no Laboratório de Planejamento Urbano e Regional – LAPUR na Universidade Federal de Uberlândia – UFU.

SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS	vii
RESUMO	viii
ABSTRACT	ix
2. REVISÃO DE LITERATURA	5
3. MATERIAL E MÉTODOS	9
4. RESULTADOS E DISCUSSÃO	14
4.1 CONSUMIDOR LOCAL	16
4.2 TURISTA	17
4.3 FEIRANTE	18
4.4. MORADOR DO ENTORNO	20
4.5. ALTERAÇÃO NO USO E OCUPAÇÃO DO SOLO	22
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	26
REFERÊNCIAS	28
ANEXOS	30

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Feira Central de Campo Grande no endereço antigo. Fonte: Arquivo pessoal.....	09
Figura 2. Localização da Feira Central em Campo Grande/MS. Fonte do Google Imagens: http://maps.google.com.br às 12:30 horas do dia 27/09/2010.....	11
Figura 3. Feira Central de Campo Grande no atual endereço. Fonte: Jornal VH NEWS, 2009).....	11
Figura 4. A mudança do endereço da Feira Central para o consumidor local. Fonte: Pesquisa direta.....	16
Figura 5. A Feira Central para os consumidores locais. Fonte: pesquisa direta.....	17
Figura 6. Motivo da visitação dos turistas da Feira Central. Fonte: pesquisa direta.....	18
Figura 7. A mudança do endereço da Feira Central para os feirantes. Fonte: pesquisa direta.....	19
Figura 8. A Feira Central para os feirantes. Fonte: pesquisa direta.....	19
Figura 9. A mudança do endereço da Feira para os moradores e comerciantes do entorno. Fonte: pesquisa direta.....	20
Figura 10. A Feira Central para os moradores do entorno. Fonte: pesquisa direta.....	21
Figura 11. Território ainda não ocupado pelo empreendimento da Feira Central em 03/04/2002. Fonte: Banco de dados do Registro de Imagens Históricas, disponível em Google Earth 6.0.	22
Figura 13. Território ocupado pelo empreendimento da Feira Central em 08/10/2009, após cinco anos de sua instalação. Fonte: Banco de dados do Registro de Imagens Históricas, disponível em Google Earth 6.0	24

RESUMO

São inúmeras as transformações no espaço territorial causadas pelo avanço, muitas vezes, indiscriminado, da construção e instalação de grandes empreendimentos. Em nome do desenvolvimento econômico, a desconstrução e reconstrução de territórios são processos que influem na identidade cultural da população envolvida, como por exemplo, na Feira Central de Campo Grande/MS, a qual foi submetida à mudança de endereço, por meio de negociações, permitindo novos aspectos de territorialidade. Por meio de idas a campo, observação, entrevistas e aplicação de questionários, foi possível analisar as alterações provenientes da mudança de endereço ocasionadas por diversos fatores na vida dos atores envolvidos, como mudança de rotina e a introdução de novos hábitos. A cultura advinda do empreendimento procura manter-se sob diferentes aspectos, esses decorrentes do desenvolvimento econômico, influenciam em sua simbologia e representatividade para a população local, consumidores, feirantes e turistas. Dentre as alterações, salientam-se as ocorridas no uso e ocupação do solo, as quais, mediante imagens antes, durante e após sua instalação, foi possível verificar as mudanças no espaço territorial ocupado pelo empreendimento. Debate-se, ainda, como essas mudanças incidem diretamente na organização territorial do espaço, uma vez que nesse novo espaço percebeu-se alteração na área, até então, inutilizada, como a valorização do comércio e de imóveis da região, pavimentação de ruas, e o aparecimento de novas fontes de renda.

PALAVRAS-CHAVE: Campo Grande, Grandes Empreendimentos, Feira Central, Território, Identidade.

ABSTRACT

There are numerous changes in the territorial space caused by the advance, often indiscriminate, construction and installation of large enterprises. In the name of economic development, deconstruction and reconstruction of territories are processes that influence the cultural identity of people involved, such as the Feira Central of Campo Grande / MS, which was submitted to the address change through negotiations, allowing new aspects of territoriality. Through field trips, observation, interviews and questionnaires, we could analyze the changes from the change of address caused by several factors in the lives of the actors involved, such as change of routine and the introduction of new habits. The culture hitherto preserved and still belonging to the enterprise demand to remain under different guises, those resulting from economic development, events and direct their symbolism and representation for local people, consumers, merchants and tourists. Among the changes, stress is also occurring in the landscape, which, through images we observed the changes in the territorial space occupied by the project, before, during and after installation. Subsequently, the debate is how these changes directly affect the territorial organization of space, since this new space was realized a revitalization of an area hitherto unused, as the enhancement of trade and real estate in the region, paving of streets , and the emergence of new sources of income

KEY WORDS: Campo Grande, Large Enterprises, Feira Central of Campo Grande, Territory, Identity.

1. INTRODUÇÃO

O processo de globalização da economia, aliado a intensificação do uso dos recursos naturais e mesmo industriais, vem transformando diversas paisagens e espaços territoriais no Brasil, ou seja, destruindo antigos territórios e reconstruindo novos em seus Estados e Municípios. Em Campo Grande, capital do Estado de Mato Grosso do Sul, a inserção de grandes empreendimentos é inevitável devido ao seu significativo crescimento econômico no cenário nacional. Segundo dados estatísticos do Estado, as atividades de agricultura, silvicultura, criação de animais e extrativismo vegetal, somaram 54.912 empregos diretos em 2005 e no ano de 2008 apresentou um aumento para 58.549 de acordo com a Secretaria do Estado de Meio Ambiente, do Planejamento, da Ciência e da Tecnologia, (2009, p. 31).

Com posição geográfica privilegiada, o Estado quase dobrou seu produto interno bruto em cerca de 5 (cinco) anos, pois em 2002 seu Produto Interno Bruto - PIB foi de 15.154 milhões passando para 28.121 milhões em 2007 (SEMA, 2009, p. 42). Sendo a soja e o milho seus principais produtos de produção agrícola, o Estado também se destaca no turismo, em que vários municípios, como Bonito ganharam notoriedade nacionalmente.

Esse crescimento econômico pelo qual o Estado de Mato Grosso do Sul passa atualmente serve de palco para as inúmeras transformações relacionadas ao seu uso e ocupação do solo. Contudo, na maioria das vezes essa dinâmica ocasiona impactos na vida da população, que de alguma forma, se insere nos processos de construção, instalação e operação de grandes empreendimentos, tanto em áreas rurais quanto em urbanas.

As mudanças espaciais causadas por empreendimentos de grande porte podem atingir vários aspectos, como econômicos, políticos, sociais e ambientais. Dentro de tais aspectos cita-se a mudança significativa na vida das pessoas envolvidas, além de seus sentimentos atribuídos ao espaço territorial. Tal relação é definida como territorialidade. Processo pelo qual passou a Feira Central de Campo Grande,

Neste sentido, a Feira passou pelo que aqui se chamará de um processo de desterritorialização o qual, segundo Ianni (1992, p. 94) “manifesta-se tanto na esfera da economia como na da política e cultura. Todos os níveis da vida social, em alguma medida, são alcançados pelo deslocamento ou dissolução de fronteiras,

raízes, centros decisórios, pontos de referência” - e, conseqüentemente, pela sua reterritorialização, que segundo Castilho & Chaparro (2009, p. 383) “é a forma encontrada por grupos híbridos de reconstruírem sua história, de estabelecer novamente as relações sociais, simbólicas, econômicas, políticas e efetivas no espaço pelo qual eles (re) conquistaram”. No caso da Feira Central de Campo Grande, sair de um lugar já tradicional para o campo-grandense e se instalar em outro local, ou seja, criou-se um novo território.

A problemática, proposta neste trabalho, apresenta uma discussão envolvendo o atual estágio de modernização do espaço e as conseqüências das decisões tomadas pelo poder público ou, ainda, por ações de particulares a partir de sua mudança de endereço.

O processo de modernização, muitas vezes, comandado por grandes empresários e/ou investidores, locais ou regionais, tem promovido profundas alterações na dinâmica dos espaços urbanos ou rurais. Tais processos têm sido promovidos por uma política de incentivos aos grandes empreendimentos, os quais alteram a fisionomia das cidades, quer sejam pequenas, médias ou grandes.

Esses empreendimentos são executados com um discurso que em sua maioria, visa os interesses de pessoas de poder aquisitivo alto, mas que na verdade ocultam seus verdadeiros propósitos ao disseminarem notícias de que sua execução vai tirar o lugar de uma condição de desenvolvimento, até então, considerada estagnada, para alçar melhorias na qualidade de vida junto à comunidade local.

Assim, entende-se que o discurso do progresso, esteja imbuído de uma estratégia de garantir a realização de grandes obras, negando os efeitos sociais e espaciais, à medida que toma a população envolvida, como sendo o verdadeiro objetivo da obra. Isto significa que falar de grandes empreendimentos é o mesmo que falar de uma complexa teia de relações, em que os interesses divergentes entre elite e população como um todo, entram numa disputa, na qual acaba prevalecendo a vontade dos mais fortes. Como efeito dessas decisões, tem-se um amplo processo de ruptura da história dos lugares e das pessoas. Símbolos podem ser destruídos, no que também pode ser chamado de um movimento contraditório de destruição e reconstrução, pois à medida que um território é destruído para dar lugar a outro, o mesmo deverá ser reconstruído em outro lugar, mas nunca será o mesmo de antes.

São perceptíveis, não apenas na cidade de Campo Grande, mas em todo o país, inúmeras mudanças relacionadas à população envolvida nesses processos.

Citam-se alguns impactos que podem ocorrer, sobre a população residente e do entorno, como a alteração na rotina dos moradores, de hábitos e até mesmo mudanças culturais, as quais, na maioria das vezes, são consideradas impossíveis de serem recriadas. Diante disso, questiona-se se seriam essas rupturas consideradas catastróficas por não permitirem a recriação de hábitos, ou símbolos já tradicionais, ou se o grupo poderia reconstruir, de certa maneira, a vida como era antes da implantação do projeto? Seria possível falar de novos hábitos e uma nova cultura, ou uma mistura de ambos?

A desterritorialização e a reterritorialização são processos que ocorrem quando há mudanças, em termos territoriais, como é o caso da Feira Central de Campo Grande. Essa mudança territorial não se restringe apenas ao uso e ocupação de novos espaços territoriais, mas também incide diretamente nas pessoas de alguma forma. De fato incidem em algo chamado de identidade territorial, a qual segundo Haesbaert (2004 *apud* BEZERRA 2007, p. 64) “[...] trata-se de uma identidade em que um dos aspectos fundamentais para a sua estruturação está na alusão ou referência a um território, tanto no sentido simbólico quanto concreto”.

Outro aspecto pertencente ao território é a memória das comunidades instaladas em determinados territórios, pois sua característica é relevante para as futuras gerações advindas de intervenções do sistema econômico atual. Segundo Le Goff (1992, p. 337) “a memória é um elemento essencial do que se costuma chamar de identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos de hoje, na febre e na angústia”.

A Feira Central de Campo Grande foi fundada em 04/05/1925, por Decreto de nº. 17 por meio do Intendente Municipal Arnaldo Estevão Figueiredo. Hoje se localiza na Esplanada da Ferrovia, a Feira tem como destaque o tradicional espetinho, feito como churrasco de carne bovina servido com a mandioca amarela da terra e o sobá, assim como seu horário de funcionamento, pois a Feira Central funciona no período noturno, se diferenciando das demais feiras espalhadas pelo país. Outras opções são o artesanato e o comércio de produtos típicos.

A Feira Central de Campo Grande emprega no ano de 2010, cerca de 1.180 funcionários com vínculo empregatício distribuídos em 198 lojas, 120 quiosques e 28 restaurantes, segundo nomenclatura utilizada e dados fornecidos pela Associação da Feira Central e Turística de Campo Grande - AFECETUR. De acordo com dados

da Prefeitura Municipal da cidade, os feirantes foram estimulados, mediante o acesso facilitado, a regulamentarem suas atividades dentro do espaço da Feira. Tal medida possibilitou a abertura de alvarás, em um total de 346 constituídos.

Por meio da memória e identidade territorial a ser analisada na Feira Central, as relações sociais ali existentes e decorrentes podem se fortalecer de alguma maneira. Através da representatividade atribuída ao território, aliada à sua simbologia, por parte dos atores envolvidos, seria possível valorar esse bem como item importante e significativo na vida das pessoas da cidade de Campo Grande.

O presente trabalho tem como objetivo analisar os processos relacionados à territorialidade e as alterações ocorridas no espaço, do novo espaço ocupado pelo empreendimento da Feira Central de Campo Grande no Estado de Mato Grosso do Sul, cuja sede foi alterada em função de uma decisão que exigia a sua realocação.

2. REVISÃO DE LITERATURA

Uma das características perceptivas do sistema capitalista é a inserção de grandes empreendimentos em todo o território nacional como forma de garantir o chamado progresso. Por meio de investimentos nacionais e estrangeiros, o País estimula, apóia e viabiliza obras significativas com o intuito de aumentar o potencial econômico do País. Em sua maioria, tais empreendimentos ocupam extensas áreas de terra, e com isso modificam não apenas a paisagem, mas também a economia local e a vida da população do entorno. Neste sentido, é passível o questionamento quanto ao significado da palavra Progresso: crescimento econômico? E então outra questão se faz importante: crescimento econômico, de quem ou em nome de quem?

Em relação à mudança expressiva que ocorre no âmbito dos aspectos sociais e de uso e ocupação do solo - o foco da presente pesquisa - com a implantação de uma grande obra, é possível que ocorram pontos divergentes, entre a função da obra em si e as consequências disso na rotina das pessoas.

Os grandes projetos contribuíram decisivamente para despertar o demônio da política, adormecido na alma dos humilhados e desvalidos da terra, que põe em questão mais do que esses projetos – põe em questão o direito de propriedade (tal como está formulado, em função dos interesses do grande capital rentista e especulativo) e as relações de poder, de que os grandes projetos são o produto corrosivo. (MARTINS, 1993, p. 82)

Na maioria das vezes, o povo é surpreendido pelos grandes empreendimentos, pois não esperam que suas vidas venham ser ameaçadas pelo progresso, e geralmente ficam à mercê de negociações daqueles que detém o poder. De fato, o lucro é um dos pontos importantes na decisão por uma obra de grande porte, sejam elas para o abastecimento energético, para o uso de matérias primas, para a fabricação de combustíveis, para o aumento do consumo no comércio, entre outros, todas de certa forma, trazem a “bandeira” de uma vida nova, em suma, do desenvolvimento econômico, da geração de empregos e distribuição de renda.

Geralmente nas negociações que norteiam os grandes empreendimentos, as questões que pertencem ao povo são as menos argumentadas e discutidas. As necessidades econômicas, a questão da perda e mudança de território que acometem a população envolvida são vistas como menos importantes ou até

insignificantes, por parte dos governantes e investidores, diante das consequências positivas da obra, segundo suas concepções.

A ligação de todo ser humano com seu espaço geográfico está de fato vulnerável a ações externas de cunho político-social de terceiros, variando de objetivos e formas para seu uso. De fato, necessita-se de uma definição de território apropriada para a proposta de pesquisa em questão.

É essencial compreender bem que o espaço é anterior ao território. “O território se forma a partir do espaço, é o resultado de uma ação conduzida por um ator sintagmático (ator que realiza um programa) em qualquer nível” (RAFFESTIN, 1993, p. 143). O autor ainda complementa dizendo que o território, nessa perspectiva, é um espaço onde se projetou um trabalho, seja energia e informação, e que, por consequência, revela relações marcadas pelo poder.

Se o espaço que se ocupa, e consequentemente o território, expressa poder, todos são poderosos em seus dignos domínios. Contudo, percebe-se que esse poder não pertence a todos, mas sim a uma minoria de mandantes, ocupantes de cargos ditos respeitáveis, os quais, apoiados pelo atual sistema econômico, fazem uso de iniciativas de desenvolvimento econômico em prol de seus próprios interesses.

O poder expressado por Raffestin não pertence a todos, porém o conceito de território se estende a mais aspectos, pois de acordo com Santos e Silveira (2008, p. 19) por território entende-se geralmente a extensão apropriada e usada. Mas o sentido da palavra territorialidade como sinônimo de pertencer a um território que nos pertence, esse sentimento de exclusividade e limite ultrapassa a raça humana e prescinde da existência de Estado. Ou ainda, é construído na complexidade entre o material e imaterial, funcional e simbólico.

Percebe-se que a territorialidade está ligada ao território. Raffestin (1993, p. 159) afirma que a vida é tecida por relações, e daí a territorialidade pode ser definida como um conjunto de relações que se origina num sistema tridimensional sociedade-espaço-tempo em vias de atingir a maior autonomia possível, compatível com os recursos do sistema. A territorialidade pode ser entendida como algo abstrato, pois a ela pertence toda a simbologia, ou as relações invisíveis, atribuídas a um território.

Ao enfatizar o domínio das relações imateriais, que prescindem de bases materiais, de acordo com Haesbaert (2006, p. 36) o território é visto antes de tudo como o espaço concreto em que se produzem ou se fixam os processos sociais.

Entende-se então que as questões que norteiam a territorialidade são significativas em âmbito social, ou seja, fazem parte da vida das pessoas.

Os processos de desterritorialização podem ocasionar, dentre certos fatores, a mudança de valores, por parte das pessoas envolvidas, valores esses que incidem diretamente em suas culturas, e conseqüentemente, em suas identidades. Salienta-se uma desterritorialização do ponto de vista culturalista:

Percebida a partir de uma leitura do território como fonte de identificação cultural, referência simbólica que perde sentido e se transforma em um “não-lugar”. Estes “não-territórios”, culturalmente falando, perdem o sentido/o valor de espaços aglutinadores de identidades, na medida em que as pessoas não mais se identificam simbólica e afetivamente com os lugares em que vivem, ou se identificam com vários deles ao mesmo tempo e podem mudar de referência espacial-identitária com relativa facilidade. (HAESBAERT, 2006, p. 93)

Todo processo de desterritorialização exige um processo de reterritorialização. Ou seja, desconstruir e reconstruir territórios são ações presente territórios são algo pertencente do processo de globalização que atua firmemente e avança cada vez mais sobre os espaços geográficos ainda disponíveis. Tais processos podem incidir diretamente nas identidades territoriais.

Atribuir sentimentos ao território consiste em adquirir uma identidade territorial. Segundo Costa (2005, p. 84) todos os processos de produção e manutenção de identidades sociais necessitam do suporte espacial, assim como o espaço geográfico é indissociável das ações sociais.

Percebe-se que as pessoas adquirem identidades territoriais a partir do espaço no qual vivem e ou se relacionam, que podem surgir e se desenvolverem também em ambientes urbanos, ou seja, nas cidades devido ao volume de pessoas e territórios. Ainda de acordo com Costa (2005, p. 86) quanto maior a cidade, maior a diversidade social, pois ela agrega uma variabilidade de possibilidades de trabalho, de níveis de consumo, de papéis sociais e de proveniência de pessoas. Diante da variedade citada pelo autor, podem ocorrer formas diversificadas de identificação nos centros urbanos, fragmentando-se em classes, grupos, comunidades, entre outros.

As feiras livres são verdadeiros pontos ou referenciais de atração turística cultural, lazer e de compras. Feira livre é uma entidade voltada para a comercialização variada de produtos, de acordo com as características econômicas

de diversas regiões (LIMA FILHO et. al., 2008, p. 02). No Brasil existem várias feiras tradicionais.

Ao frequentar uma feira livre, é possível conhecer os traços culturais, os costumes, a comida e o comportamento das pessoas de uma localidade. Em quase todos os roteiros turísticos históricos-culturais sugeridos por agências de viagens na atualidade, existe a indicação de uma feira livre. Várias cidades brasileiras possuem espaços livres, em feira, demonstrando a cultura local.

Também como opção de lazer e entretenimento, as feiras livres representam um ponto de encontro e um local de convivência para as pessoas. Com isso, expressam aspectos de território. A questão da territorialidade implica consequências em sua implantação e operação, pois afeta não só aos demais empreendimentos na redondeza, mas também a população do entorno e os consumidores locais e as pessoas que dela tiram seu sustento.

3. MATERIAL E MÉTODOS

A tradicional Feira Central antiga da cidade, considerada um Centro Comercial não planejado (Figura 1), popularmente conhecida como "feirona", era composta por 377 barracas ocupando uma área de aproximadamente 2,1 mil metros quadrados (LIMA FILHO et. al., 2008, p. 06). Era localizada na Rua Abrão Julio Rahe com a Rua José Antônio. Além de frutas, legumes e verduras, os visitantes também podiam adquirir produtos eletrônicos, roupas e artesanatos. Recebia cerca de 20 mil pessoas às quartas-feiras e nos finais de semana, segundo a Prefeitura Municipal de Campo Grande (2010), contudo após decisão em conjunto do executivo municipal com o comprador do terreno paralelo onde a Feira ocorria, a mesma foi deslocada para um novo endereço.



Figura 1. Feira Central de Campo Grande no endereço antigo. Fonte: Arquivo pessoal.

A necessidade da mudança de endereço da Feira Central ocorreu devido à compra de um terreno, até então vazio, na Av. Mato Grosso, uma das avenidas mais movimentadas e populares da cidade de Campo Grande. O espaço territorial foi comprado pela Igreja Universal do Reino de Deus, com o objetivo de se construir o maior templo religioso da cidade. Diante disso, percebe-se que houve grande interesse por parte da instituição compradora do terreno, onde se localizava a Feira

Central de Campo Grande, que a mesma fosse transferida para outro espaço territorial.

Após negociação com a Prefeitura Municipal de Campo Grande definiu-se o novo endereço da Feira Central. A mudança ocorreu no ano 2004, quando a estrutura física da obra da nova Feira ficou pronta. Diante disso, os feirantes tiveram que se transferir para seu novo destino de trabalho, juntamente com todo o seu público de visitantes. Contudo, há registro, em documentos restritos da Prefeitura Municipal, de que houve reuniões com todos os envolvidos, mediada por representantes da Prefeitura, com o intuito de “amenizar” os efeitos dessa mudança, e gerar acordo.

Atualmente, a Feira está instalada na esplanada da antiga estação ferroviária, localizada na Rua 14 de Julho, número 3351 (Figura 2 – Localização da Feira Central em Campo Grande/MS.). Considerado um centro comercial planejado (Figura 3), com acesso pela Rua 14 de Julho e também pela Antiga Vila dos Ferroviários, amplo estacionamento e moradores no entorno. O local abriga barracas de alimentação pronta para consumo, hortifrutigranjeiros, armarinhos, artesanato e importados. O centro comercial ocupa uma área de 13 mil metros quadrados, sendo 8,5 mil m² cobertos. A nova área conta com estrutura sanitária adequada, redes de água e esgoto, iluminação e espaço para eventos. A área de circulação de visitantes, que anteriormente era de quatro metros de largura, passou para seis metros (UNIDADE DE PLANEJAMENTO URBANO DE CAMPO GRANDE - PLANURB, 2005).

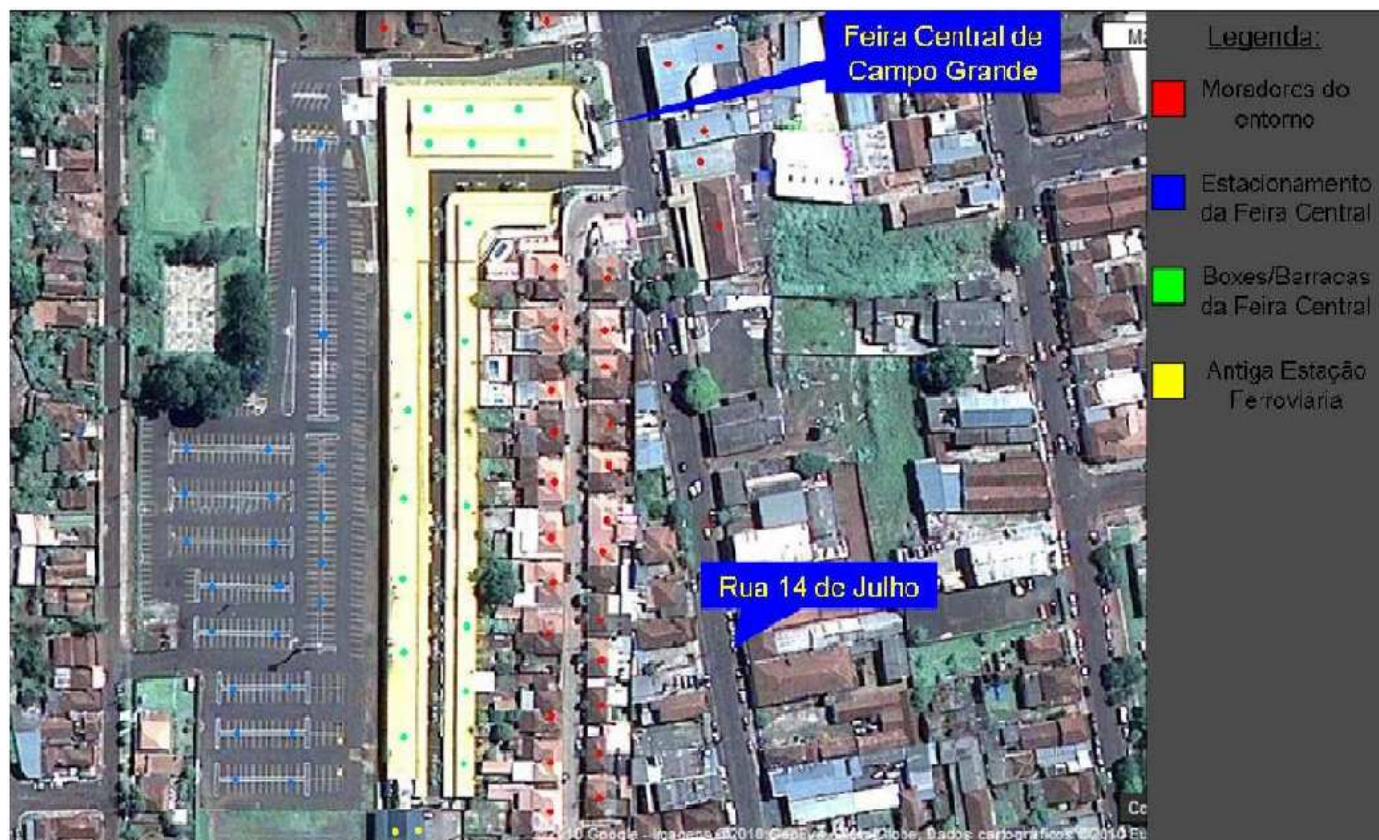


Figura 2. Localização da Feira Central em Campo Grande/MS. Fonte do Google Imagens: <http://maps.google.com.br> às 12:30 horas do dia 27/09/2010.



Figura 3. Feira Central de Campo Grande no atual endereço. Fonte: Jornal VH NEWS, 2009).

Mediante as transformações de uso e ocupação do solo oriundos da mudança de endereço da Feira Central de Campo Grande, em analisar a existência de representatividade unida às questões de identidade e cultura do empreendimento, foi necessário levantamento bibliográfico prévio e leituras aprofundadas quanto ao tema.

A pesquisa caracterizou-se como de campo, a qual consiste na observação de fatos e fenômenos tal como ocorrem espontaneamente, na coleta de dados a eles referentes e no registro de variáveis que se presume relevantes para analisá-los (LAKATOS e MARCONI, 2009, p. 175). E ainda abrangeu aspectos quantitativo-descritivos os quais propositaram investigações de pesquisa empírica cuja principal finalidade foi o delineamento ou análise das características das consequências ocorridas.

Como instrumentos para a coleta de dados optou-se por questionários semi-abertos (em ANEXO), elaborados por meio do *software* Sphinx versão 5.0, voltados aos três tipos de públicos: 1) freqüentadores (consumidores locais e/ou turistas) sendo 40 questionários respondidos para os consumidores locais e 20 para os turistas; 2) colaboradores (funcionários e/ou feirantes) sendo 40 questionários respondidos; e 3) população do entorno da Feira Central, sendo 20 questionários respondidos. Contudo, ressalta-se que não foram traçados os perfis sócioeconômicos dos públicos devido ao grande número de atores envolvidos e a grande rotatividade de pessoas que usufruem de alguma forma da Feira Central semanalmente.

Registrou-se um número de 120 questionários respondidos, abrangendo os consumidores locais, os turistas, os feirantes e os moradores do entorno. O questionário que difere dos demais foi o aplicado aos turistas, devido à falta de conhecimento e informação quanto à mudança de endereço da Feira Central de Campo Grande. A última questão do questionário de todos os públicos citados foi aberta para melhor avaliação e análise dos depoimentos.

Além dos questionários, a presente pesquisa contou com contribuição importante e válida por parte da Prefeitura Municipal de Campo Grande, especificamente a Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Desenvolvimento Urbano – SEMADUR, à qual responde a Associação da Feira Central e Turística de

Campo Grande - AFECETUR. Aos Órgãos acima citados foram feitas visitas a fim de obter esclarecimentos quanto ao funcionamento e administração da Feira Central.

A fim de analisar as alterações na paisagem no novo endereço ocupado pela Feira Central, utilizou-se do *software Google Earth* versão 6.0. A partir do uso das imagens do território, de 2002, 2006 e 2009, antes, durante e após a ocupação do empreendimento, foi possível a visualização e percepção das alterações de paisagem e as novas ocupações do uso de solo em questão.

Nos aspectos que norteiam a territorialidade modificada através da implantação da Feira Central de Campo Grande em seu novo endereço, foi possível avaliar a significância e as consequências ocorridas na rotina dos moradores e dos comerciantes do entorno após a instalação da mesma na região. É sem dúvida a partir das mudanças ocorridas no território que novos valores surgem no entorno imediato. A mudança se materializa com os novos territórios que surgem, tais como: novos locais para estacionamento, locais para eventos, comercialização e lazer, além do valor simbólico atribuído ao empreendimento.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em Campo Grande a feira livre existe há cerca de 80 anos. Instituída em 1925 para suprir uma crise de abastecimento de gêneros alimentícios, a “Feirona” cresceu e assumiu um lugar definitivo na vida da cidade e é um de seus principais pontos turísticos (RODRIGUES & FORATO, 2002, p. 14).

Em dezembro de 2004, a tradicional Feira Central de Campo Grande passa a se apresentar com uma nova infraestrutura, em uma nova localização. Na feira atual, ou melhor, no centro comercial planejado os feirantes e visitantes contam com melhor estrutura sanitária, redes de água e esgoto, iluminação, espaço para eventos e uma área de circulação maior quando comparada à anterior.

A *feirona* sofre grande influência da comunidade Okinawa, que possui forte presença na culinária local. Campo Grande, capital do Estado de Mato Grosso do Sul possui a maior colônia de imigrantes okinawanos do Brasil depois de São Paulo. São pelo menos 1.800 famílias originárias de Okinawa (TEIXEIRA, 2006, p. 28).

Ao se considerar a gastronomia como uma forma de manifestação cultural e representativa de um grupo, ou mesmo de uma nação, observa-se em Campo Grande a presença marcante do Sobá.

O sobá é um dos pratos típicos da gastronomia campo-grandense, adaptado da culinária oriental pelos imigrantes chegados, em 1908, da província de Okinawa, arquipélago de influência chinesa, na região sul do Japão. Nessa cidade, tradicionalmente, às vésperas do ano novo, as famílias se reuniam para degustar esse tradicional prato feito de macarrão de trigo sarraceno, o toshikoshi-soba (MARQUES, 2009). Tornou-se, assim, um prato típico de Campo Grande, amplamente divulgado, é a principal atração da Feira Central da cidade que anualmente promove o Festival do Sobá em parceria com a Prefeitura Municipal.

Entretanto, o sobá campo-grandense tem seu diferencial que não é encontrado no original e nem nos demais núcleos de imigrantes do país, sendo uma especificidade da cultura local. Diante disso, o sobá foi registrado como o primeiro bem imaterial de seu Patrimônio Histórico e Cultural, por meio do Decreto Municipal nº 9.685 de 18 de julho de 2006 (DIOGRANDE, 19/07/06). É necessário atribuir relativa importância à imigração japonesa no País, e conseqüentemente, na cidade de Campo Grande.

A imigração japonesa no Brasil teve seu início com a chegada no porto da cidade de Santos do navio Kasato Maru, no dia 18 de junho de 1908. Vindo do porto de Kobe, o navio trouxe em uma viagem de 52 dias os 781 primeiros imigrantes sob contrato entre Brasil e Japão. A bordo do Kasato Maru estava um povo que trazia além da bagagem, uma cultura milenar (OLIVEIRA, 2006, p. 09).

Entre 1910 e 1935 muitos imigrantes foram contratados para trabalharem nas fazendas de café, formando assim, vários núcleos e colônias por todo o país. Esses núcleos proliferaram em diversas localidades entre 1925 e 1935, quando se alcançou o maior número de imigrantes japoneses entrados no Brasil, num total de 140.000 (RODRIGUES & FORATO, 2002, p. 11)

Com a Primeira Guerra Mundial o fluxo diminuiu significativamente, restabelecendo-se após 10 anos, em 1959. Segundo dados da Embaixada Japonesa divulgados em 2008, em 1996, eram 89.005 japoneses no Brasil. Em 2006, conforme último censo, o número de nipônicos no país era de 64.802, uma diferença de quase 30%. Entre o período de 1996 e 2006, houve queda em todos os anos.

O processo imigratório foi de extrema importância para a formação da cultura brasileira. Esta foi, ao longo dos anos, incorporando características dos quatro cantos do mundo. São várias as influências trazidas pelos imigrantes, que se tem um leque enorme de resultados: o idioma português, a culinária italiana, as técnicas agrícolas alemãs, as batidas musicais africanas e muito mais. Graças a todos eles, vivemos em um país de múltiplas cores e sabores. Um povo com uma cultura diversificada e de grande valor histórico. (OLIVEIRA, 2006, p. 43)

Por meio da construção da Estrada de Ferro Noroeste, os japoneses se dirigiram para o Estado de Mato Grosso do Sul. Diante de trabalho árduo, os mesmos começaram a exercer paralelamente a atividade de agricultura de subsistência nas terras da cidade de Campo Grande. Compraram então sítios onde produziram hortaliças para vender em feiras livres, abriram bares para vender a pinga fabricada. Enfim, praticaram todas as atividades que seu pequeno capital permitia, enquanto criavam seus filhos. Dessa maneira, construíram as fundações da hoje próspera comunidade nipo-brasileira no Estado de Mato Grosso do Sul (OLIVEIRA, 2006, p. 43).

Além da presença da comunidade japonesa, foram muitos os apontamentos feitos pelos públicos abordados pela pesquisa, os quais serão discutidos e

demonstrados em seguida. Ressalta-se que os questionários foram aplicados no mês de Outubro/2010, no período da manhã para os moradores do entorno e no período da noite para os consumidores locais, turistas e feirantes. Os apontamentos serão descritos por grupo, e por fim as imagens de análise de alterações na paisagem.

4.1 CONSUMIDOR LOCAL

Para a maioria dos consumidores locais a mudança da Feira Central foi positiva, devido às melhorias em infra-estrutura e higiene. Porém 33,3% apontaram a mudança como negativa, pois alegaram a perda de algumas características importantes das feiras livres, como a falta de grãos vendidos na modalidade a granel. (Figura 4).

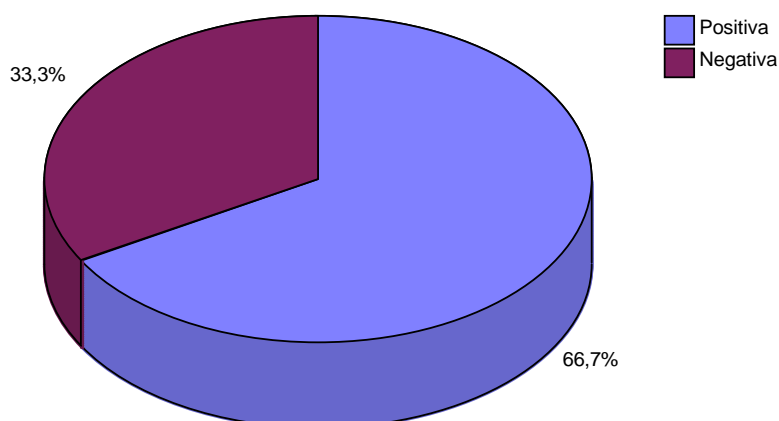


Figura 4. A mudança do endereço da Feira Central para o consumidor local. Fonte: Pesquisa direta.

A figura 5 (cinco) mostra a representatividade do empreendimento para o consumidor local. Um dos aspectos que mais se destacaram foi o de a Feira Central fazer parte da identidade cultural da cidade. Diante disso pode-se dizer que, tanto os consumidores que afirmaram ser negativa a mudança de endereço quanto os que disseram positiva, atribuem a Feira certa representatividade em suas vidas. A opção representada em 0% no mesmo gráfico corresponde a opção de o empreendimento

não possuir importância nem representatividade alguma para a cidade. Não foi assinalada por nenhum dos consumidores locais abordados.

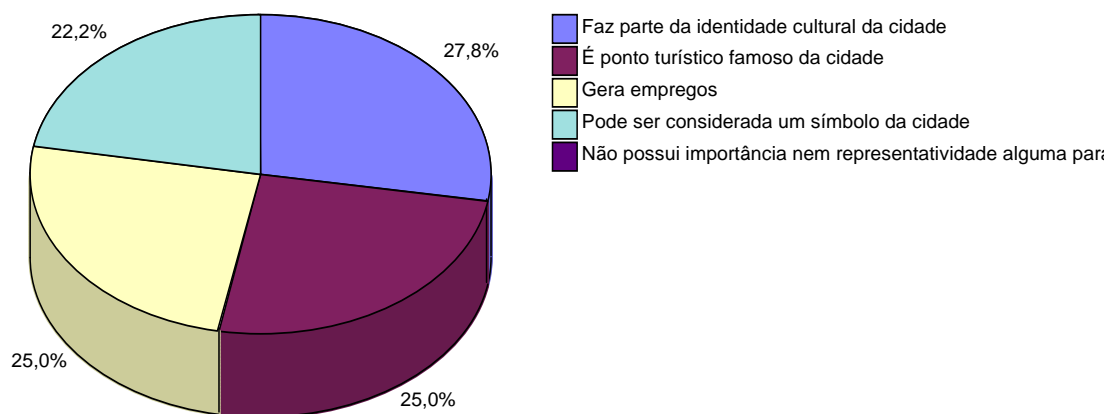


Figura 5. A Feira Central para os consumidores locais. Fonte: pesquisa direta.

A última questão do questionário aplicado consistiu em indagar a importância da Feira para os consumidores locais. Os mesmos expressaram-se dizendo que, além de ser significativa para a identidade cultural da Cidade de Campo Grande, a mesma é espaço importante de convivência e interação entre as pessoas, ou seja, para se reunir com a família e amigos. As opções de lazer, diversidade de produtos e a procura por comida típica também foram salientados.

4.2 TURISTA

Segundo a Presidente da AFECETUR, a Feira Central costuma receber aos sábados 5 mil visitantes, exceto em dias de festas, como o Festival do Sobá e a Festa do Peixe, chegando a quase dobrar esse número, dentre os quais, os turistas marcam presença em busca de diversos itens e por vários motivos.

Conforme mostra a figura 6 (seis), 29,4% dos turistas abordados disseram que o motivo de sua visitação é a comida típica, o que torna ainda mais expressivo o significado e importância da culinária japonesa, principalmente o sobá, na cultura do campo-grandense. E ainda, o fator comida típica pode ser usado para evidenciar o potencial turístico da Feira Central, além de incentivar os moradores locais da cidade

de Campo Grande a valorizarem essa cultura, seja como identidade cultural, geração de renda, pelo turismo regional ou por seu simbolismo.

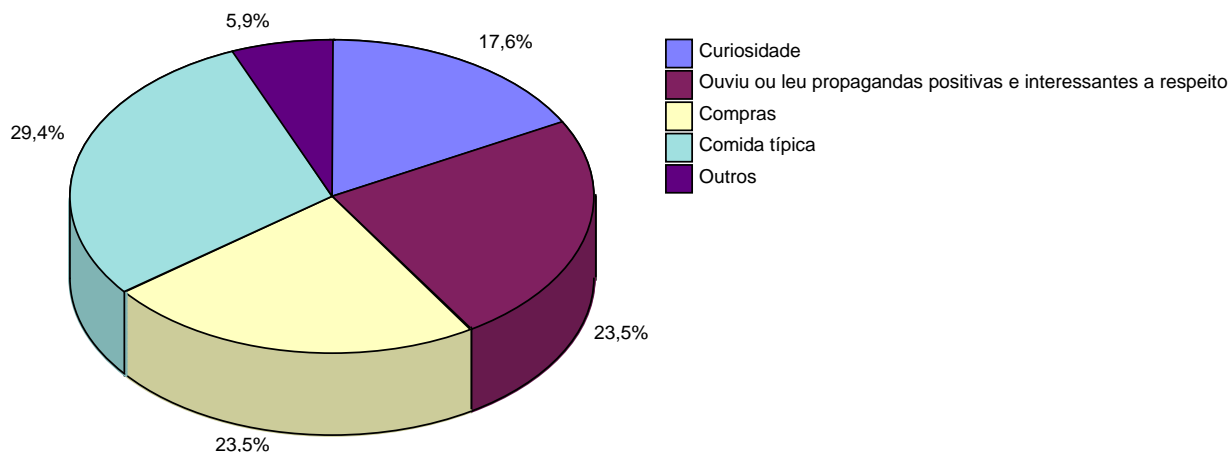


Figura 6. Motivo da visita dos turistas da Feira Central. Fonte: pesquisa direta.

Os turistas também disseram sobre o que mais lhes chamou a atenção após ou no decorrer de sua visita a Feira. Foram levantados pontos como a atenção e gentileza por parte dos feirantes ao atender os clientes; o grande número de japoneses; a variedade de produtos ofertados; a comida e o artesanato típicos.

Além dos itens acima citados, os visitantes apontaram o espaço da Feira Central, como sendo um ambiente hospitaleiro e agradável. Diante disso percebe-se que aqueles que visitam a feira, independente de seus motivos, o fazem pelo prazer de frequentar lugares agradáveis e acolhedores que promovam interação, lazer e prazer.

4.3 FEIRANTE

Para grande parte dos feirantes que participaram da pesquisa, a mudança do empreendimento foi positiva (Figura 7), devido ao conforto de não precisarem mais montar e desmontar as antigas barracas, como ocorria antes, a melhor infraestrutura e higiene do local, pois no novo endereço a feira conta com uma equipe de limpeza mantida pela AFECETUR.

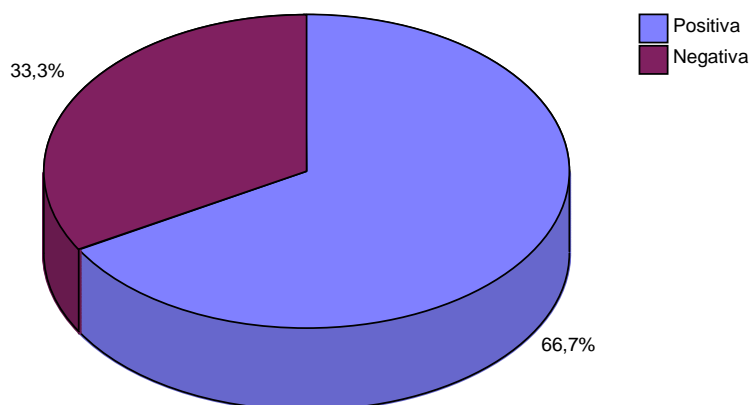


Figura 7. A mudança do endereço da Feira Central para os feirantes. Fonte: pesquisa direta.

Na figura 8 (oito), os feirantes atribuíram pesos semelhantes aos itens que, de alguma forma, atribuem valor e representatividade da Feira Central na vida dos mesmos. Contudo, a minoria de 9,8% justifica sua resposta dizendo que com a mudança de endereço, a Feira perdeu algumas características próprias como a entrada permitida para todo e qualquer público, inclusive os mais humildes como os ditos hippies e moradores de rua, apesar da entrada no novo endereço ser gratuita, e, ainda, pela expansão da comercialização dos produtos importados, o que de fato, descaracteriza simbolicamente o empreendimento.

Os trabalhadores da Feira, afirmaram que o empreendimento é importante em suas vidas por ser fonte de renda e lugar de convívio e interação com diversos tipos de pessoas, proporcionando assim satisfação no ambiente de trabalho.

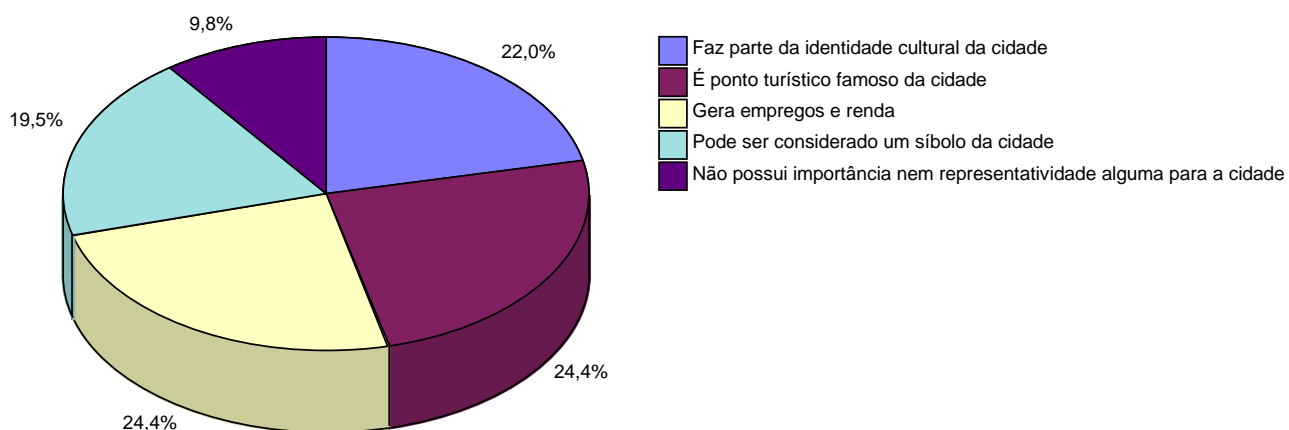


Figura 8. A Feira Central para os feirantes. Fonte: pesquisa direta.

4.4. MORADOR DO ENTORNO

Os moradores e comerciantes do entorno da Feira Central divergiram de opinião ao se tratar do novo endereço da mesma. De acordo com a figura 9 (nove), percebe-se que quase 67% dos moradores abordados afirmaram ter sido positiva a mudança da Feira devido à valorização de cunho financeiro de pontos comerciais e imóveis nas proximidades da mesma, além do aparecimento de novas fontes de renda, por meio de trabalhos informais.

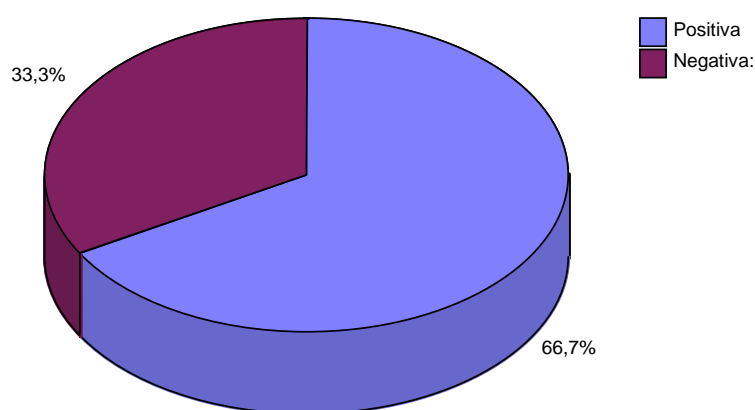


Figura 9. A mudança do endereço da Feira para os moradores e comerciantes do entorno. Fonte: pesquisa direta.

Os demais argumentaram ter sido negativa devido ao grande volume de carros e pessoas que transitam por ali e, conseqüentemente, o barulho que ocorre nos dias de funcionamento do empreendimento. Com isso, alguns moradores tiveram sua rotina alterada, no que diz respeito a ficarem em casa nos dias de funcionamento da feira - quartas e sextas-feiras, sábado e domingo - ou até mesmo chegarem em casa mais tarde para não enfrentar o tumulto. Tumulto esse justificado pelo grande volume de pessoas e ao tempo de permanência dos clientes na Feira, o qual segundo informação obtida por meio da AFECETUR é de aproximadamente de 5 a 6 horas.

Também houve respostas dizendo que no período da madrugada a segurança no entorno da Feira fica comprometida, pois alguns grupos de jovens ficam bebendo e fumando sem nenhuma interferência de terceiros, fazendo com que a população do entorno investisse em equipamentos de segurança. De fato,

problemas sociais, como gangues, drogas e bebida são vistos em grande parte das capitais brasileiras, o que não difere a cidade de Campo Grande em tais aspectos.

Tais problemas sociais citados no parágrafo anterior, presentes no meio urbano são realmente consideráveis para com a cultura da cidade e ainda desperta para as questões de omissão e até comodidade por parte daqueles que freqüentam, trabalham ou usufruem de qualquer forma do espaço da feira. Para ilustrar, se faz uso de Bresciani (2002, p. 30) ao dizer que a intenção de naturalizar os problemas da cidade, ou seja, de reduzi-los a questões técnicas, portanto disciplinares, cai por terra ao ser confrontada com o caráter produtor de cultura das soluções propostas. O fato descrito merece atenção por parte das autoridades competentes.

Na figura 10 (dez) percebe-se que os moradores não atribuem significativa representatividade positiva à Feira Central, vendo apenas o empreendimento enquanto ponto turístico da cidade. Apenas uma minoria de 9,1% se manifestou quanto à geração de empregos e renda, demonstrando então aspectos diferentes quanto à territorialidade em relação aos demais públicos pesquisados.

Atribuir sentimentos relacionados ao empreendimento é uma ação abstrata. Os moradores, mesmo com todos os aspectos negativos aqui citados, demonstraram possuir alguma representatividade positiva quanto a Feira Central. Fator esse que pode ser estimulado a fim de mostrar que o empreendimento pode ser melhor visto.

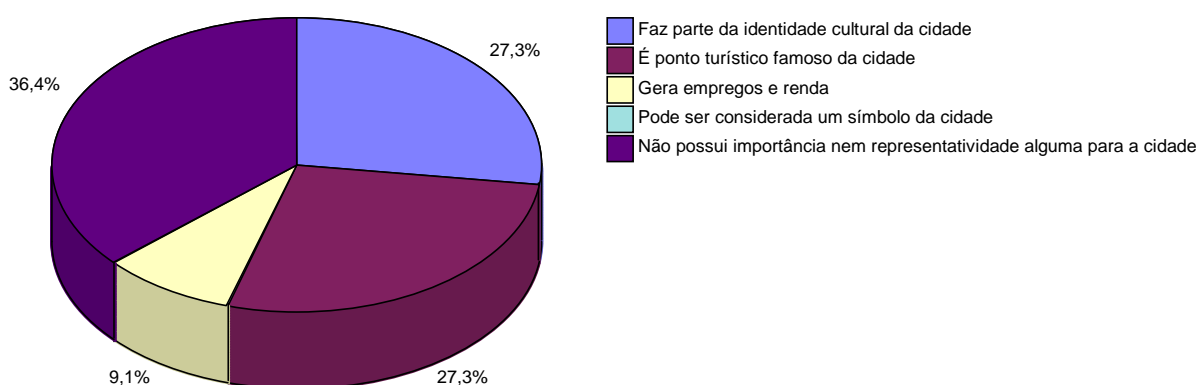


Figura 10. A Feira Central para os moradores do entorno. Fonte: pesquisa direta.

4.5. ALTERAÇÃO NO USO E OCUPAÇÃO DO SOLO

Por meio das imagens do *software Google Earth* versão 6.0, entre os anos 2002 a 2009, foi possível a visualização das alterações do uso e ocupação do solo, causadas pelo empreendimento.

A figura 11 (onze), registrada em 03/04/2002, mostra o território antes da instalação do empreendimento da Feira Central. Percebe-se que havia uma grande e vasta área destinada aos trilhos e vagões pertencentes à Estação Ferroviária de Campo Grande, a qual foi construída em 1909, porém ainda ativa para o escoamento de produtos e cargas do Estado.

Do lado esquerdo da imagem, percebe-se uma grande área verde, até então inutilizada antes da instalação do empreendimento. Essa área era destinada a pequenos proprietários agricultores. Em frente a esta área, nota-se uma vila pouco povoada com ruas ainda sem asfalto, com a presença relevante de árvores.



Figura 11 - Território ainda não ocupado pelo empreendimento da Feira Central em 03/04/2002. Fonte: Banco de dados do Registro de Imagens Históricas, disponível em *Google Earth* 6.0.

Do lado direito da imagem, visualiza-se a antiga vila dos ferroviários, considerada um patrimônio da cidade devido sua importância histórica. Diante disso é provável que sua estrutura não seja alterada. Contudo, em frente à vila, notam-se casas e construções antigas com quintais extensos de área verde não construída, característica essa de ambientes ditos rurais e de pouco acesso. Porém esse território já é considerado área central e urbana de Campo Grande, devido ao avanço de investimentos e também da instalação da Feira Central, pois o volume de pessoas que a mesma recebe é significativo para a economia da cidade.

Já a figura 12 (doze), registrada em 19/04/2006 mostra o empreendimento já instalado e algumas alterações inicializadas. A estrutura grande da construção na cor amarela tomou o lugar da área antes inutilizada, seja pelo poder público ou privado. Os trilhos tiveram de ser removidos e a linha férrea realocada e, com isso, houve outras iniciativas para tornar o prédio onde eram vendidas as passagens ferroviárias da cidade, um excelente local para a realização de eventos culturais.



Figura 12. Território recém ocupado pelo empreendimento da Feira Central em 19/04/2006. Fonte: Banco de dados do Registro de Imagens Históricas, disponível em *Google Earth 6.0*.

Do lado esquerdo da imagem do ano de 2006, percebe-se que a rua da frente da vila, está preparada para ser asfaltada. Diante disso, pode-se afirmar que a instalação do empreendimento possibilitou melhor acesso à comunidade até então com dificuldades para se deslocar.

Do lado direito da imagem, percebe-se que grande parte das casas já está com quintais menores, com mais construções à frente da Feira Central. Predominam casas e estabelecimentos comerciais. Nota-se que o fluxo de veículos é maior.

Na figura 13 (treze), registrada em 10/08/2009, cinco anos após a instalação do empreendimento da Feira Central, nota-se que a vila dos ferroviários permanece igual devido ao seu valor histórico-cultural, porém a estrutura do entorno está bem modificada, com mais construções e maior fluxo de pessoas e veículos. Contudo percebe-se que a arborização não foi totalmente exterminada, mas sim, em parte mantida.



Figura 13. Território ocupado pelo empreendimento da Feira Central em 10/08/2009, após cinco anos de sua instalação. Fonte: Banco de dados do Registro de Imagens Históricas, disponível em *Google Earth 6.0*

A partir dos resultados apresentados, percebeu-se que o fato da mudança da Feira Central no ano de 2004 possibilitou mudanças na vida de todos os públicos abordados pela pesquisa, porém um deles merece destaque, os feirantes. De acordo com os argumentos advindos dos feirantes, é pertinente salientar as alterações na sua dinâmica e a perda de algumas características como a criação de uma associação de feirantes, a instituição de alvarás, a elaboração de regimento interno imposto a esse público; o desaparecimento de alguns alimentos antes comercializados na feira e a não permissão de determinados públicos.

De acordo com os apontamentos feitos acima, é comprovado que a relação da feira como símbolo de cultura para os feirantes foi abalada, por meio das alterações ocorridas. De fato, a representatividade do empreendimento, do ponto de vista desse público, é comercializável, em parte, com a justificativa de atrair e promover a Feira Central de Campo Grande.

Para os demais públicos o empreendimento é um espaço para diversas ações e acontecimentos, como encontro com família e amigos, comercialização de produtos regionais, apreciação de comida típica e da cultura japonesa enraizada e presente na Feira. Demonstraram que a feira possui representatividade positiva em suas vidas, além de fazer parte da cultura da cidade.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os vários aspectos levantados e discutidos nesta pesquisa apontam que a Feira Central de Campo Grande, primeiramente, é um tema vasto a ser estudado. Suas diversas características envolvem e influenciam as vidas das pessoas que com ela se relacionam, seja pela cultura, pela representatividade, simbologia, e ainda pelas conseqüências de sua desterritorialização e reterritorialização.

A identidade cultural expressada pela Feira Central de Campo Grande é significativa e importante para os variados públicos abordados nesta pesquisa. As pessoas que, por variados motivos se relacionam com o empreendimento, atribuem a ele sentimentos, mais positivos do que negativos. Percebeu-se, por meio dos questionários aplicados, que com a mudança de endereço, muitas pessoas afirmaram que o empreendimento perdeu algumas características relevantes como o fato de não ser mais nômade e, sim, fixa em um espaço somente seu. Isso é perceptível a partir dos limites da propriedade do empreendimento, pois o mesmo é cercado com portões e com a presença constante de seguranças.

O impacto cultural do empreendimento no período analisado foi demonstrado como algo importante para os públicos abordados, exceto para os feirantes, os quais argumentaram que os aspectos culturais foram de certa forma, modificados e/ou adaptados mediante a nova infraestrutura oferecida e proporcionada pela Prefeitura Municipal.

Sua importância quanto à territorialidade expressada pelos diversos públicos abordados, poderá ser utilizada economicamente em prol da cidade. É possível melhorar a divulgação e a capacidade turística da cidade mediante a Feira Central, pois a representatividade, simbologia e importância, atribuídas a ela, na vida dos campo-grandenses, fazem com que a mesma possa fazer parte, de fato, da identidade cultural da cidade e com isso obter benefícios tanto econômicos quanto sociais.

A partir dessa nova territorialidade que ocorreu devido à mudança do local da Feira no período pesquisado, detectaram-se novas estruturas físicas e distribuição de fluxo de tráfego. Essas novas ramificações no uso e ocupação territorial provocadas pelo empreendimento ocasionaram mudanças no espaço urbano de Campo Grande – MS.

A análise espaço-temporal realizada, no período de 2002 a 2009 sobre o novo território ocupado pela Feira Central de Campo Grande é significativa e importante para os variados atores envolvidos e atingidos pelo processo. Os aspectos percebidos, que norteiam a reconstrução de um novo território, foram mais pontos positivos do que negativos.

Percebeu-se, por meio das imagens que a importância do empreendimento é relevante devido ao crescimento econômico provocado, após sua instalação, à região, até então era considerada desvalorizada e inutilizada. Diante das imagens concluiu-se que grande parte da arborização existente foi mantida, além de trazer novos investimentos e oportunidades de emprego, apresentando maior valorização de imóveis do entorno. É necessário mais investimentos para que se aumente a capacidade de suporte da Feira Central devido ao grande volume de pessoas que visitam o empreendimento, pois a região em questão deve ser estimulada ao crescimento e desenvolvimento econômico.

REFERÊNCIAS

- Brasil. Mato Grosso do Sul. Secretaria de Estado de Meio Ambiente, do Planejamento, da Ciência e Tecnologia. **Dados Estatísticos de Mato Grosso do Sul 2009**: Ano base: 2008. Campo Grande: 2009. 101 p.
- BEZERRA, A. C. A. et. al. In: ARAÚJO, F. G. B. & HAESBAERT, R. (org.). **Identities e Territórios**: Questões e Olhares Contemporâneos. Rio de Janeiro: Access, 2007. 136 p.
- BRESCIANI, M. S. Cidade e História. In: OLIVEIRA, L. L. (org.). **Cidade**: história e desafios. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002. 16 – 33.
- CASTILHO, M. A. & CHAPARRO, Y. L.. A Reterritorialização do Sagrado no Contexto Urbanístico de Campo Grande – MS. **Revista Brasileira de História das Religiões**, Maringá/SP. Ano I, n. 3, p. 381 – 395. Jan. 2009 - ISSN 1983-2859.
- COSTA, B. P. As Relações Entre os Conceitos de Território, Identidade e Cultura no Espaço Urbano. In: ROSENDAHL, Z; CORRÊA, R. L. (org.). **Geografia**: Temas Sobre Cultura e Espaço. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2005. p. 79 – 111.
- DIÁRIO OFICIAL de Campo Grande – DIOGRANDE. Ano IX – nº 2.101 – quarta-feira, 19 de julho de 2006. Disponível em: www.prefeituradecampogrande.com.br/.../downloadFile.php. Acesso dia 19.09.10
- GOOGLE EARTH: **Aplicativo de mapas**, 6.0. Santa Clara: Google, Inc., 2006.
- HAESBAERT, R. **O Mito da Desterritorialização**: do “Fim dos Territórios
- IANNI, O. **A Sociedade Global**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1992. 191 p.
- JORNAL O VERBO – Notícias Cristãs. Igreja Universal Inaugura Templo Maior no Sábado em Campo Grande/MS. 12 de Fevereiro de 2008. Disponível em: <http://www.overbo.com.br/portal/2008/02/12/5837/>. Acesso no dia 16.09.10
- LAKATOS, E. M. ; MARCONI, M. de A. **Fundamentos de Metodologia Científica**. São Paulo: Atlas, 2009. 315 p.
- LE GOFF, J. **História e Memória**. São Paulo: UNICAMP, 1992. 475 p.
- LIMA FILHO, D. de O. Centro Comercial Planejado ou Centro Comercial Não Planejado? A Opinião dos Consumidores da Feira Livre. In: XXVIII Encontro Nacional de Engenharia da Produção. **A integração de cadeias produtivas com abordagem da manufatura sustentável**. Rio de Janeiro: 2008. 12 p.
- MARTINS, J. de S. **A Chegada do Estranho**. São Paulo: Hucitec, 1993. 179 p.
- MARQUES, R. C. **Sobá**: Patrimônio Imaterial de Campo Grande/MS. Revista Recanto das Letras, Campo Grande/MS. Código do texto: T1714018, Julho 2009.

MIDIAMAXNEWS – O Jornal Eletrônico de Mato Grosso do Sul. Megatemplo Traduz Ostentação da Igreja Universal. 12 de Fevereiro de 2008. Disponível em: <http://carlosafqueiroz.blogspot.com/2008/02/brasil-ms-megatemplo-traduz-ostentao-da.html>. Acesso no dia 16.09.10.

OLIVEIRA, R. A. **Histórias e Tradições** – Comunidade Imigrante Japonesa Várzea Alegre. Campo Grande: UNIDERP, 2006. 82 p.

RAFFESTIN, C. **Por Uma Geografia do Poder**. São Paulo: Ática, 1993. 270 p.

RODRIGUES, C. H.; FORATO, S. **Feira Central: O Rumo de uma Cultura**. Campo Grande: UNIDERP, 2002. 23 p.

SANTOS, M. e SILVEIRA, M. L. **O Brasil: Território e Sociedade no Início do Século XXI**. 10. ed. – Rio de Janeiro: Record, 2008. 473 p.

SILVA, V. F. **Proposta de Revitalização da Feira Central para Melhor Desenvolvimento do Turismo Local**. Campo Grande: UNIDERP, 2003. 63 p.

SPHINX. **Sistema para pesquisa e análise de dados, 5.0**. Canoas (RS): Sphinx Brasil. 2005. 1 CD-ROM.

TEIXEIRA, R. **Cultura de Okinawa: sucursal Campo Grande**. Campo Grande/MS, 2006. Disponível em: <http://www.overmundo.com.br/overblog/cultura-de-okinawa-sucursal-campo-grande>. Acesso dia 15.10.10.

ANEXOS

1. Questionário aplicado

Efeitos territoriais de grandes empreendimentos: a Feira Central de Campo Grande enquanto território

outubro/2010 - Marcela Paiva-Mestrado em Meio Ambiente e Desenv

Todos os públicos

1. Qual é a sua relação com a Feira Central de Campo Grande:

- Consumidor local Turista Feirante Morador do Entorno.

Consumidor Local

2. A mudança de endereço da Feira, em sua opinião, foi positiva ou negativa? Justifique sua resposta.

3. Em sua opinião, a Feira Central: (você pode assinalar mais de uma das opções abaixo)

- Faz parte da identidade cultural da cidade
 É ponto turístico famoso da cidade
 Gera emprego e renda
 Pode ser considerada um símbolo da cidade
 Não possui importância nem representatividade alguma para a cidade.

Você pode marcar diversas casas (4 no máximo).

4. A Feira Central é importante para você? Por quê?

Turista

5. Qual é o motivo da sua visitação à Feira Central?

- Curiosidade Ouviu ou leu propagandas positivas e interessantes a respeito Compras Comida típica
 Outros Não sabe.

Você pode marcar diversas casas (3 no máximo).

6. Após ou no decorrer da sua visita à Feira Central, o que mais lhe chamou atenção?

Feirante

7. A mudança de endereço da Feira, em sua opinião, foi positiva ou negativa? Justifique sua resposta.

8. Em sua opinião, a Feira Central: (você poderá assinalar mais de uma das opções abaixo)

- Faz parte de identidade cultural da cidade
 É ponto turístico famoso da cidade
 Gera emprego e renda
 Pode ser considerada um símbolo da cidade
 Não possui importância nem representatividade alguma para a cidade.

Você pode marcar diversas casas (4 no máximo).

9. A Feira Central é importante para você? Por que?

Morador do Entorno

10. A mudança de endereço da Feira, em sua opinião foi positiva ou negativa? Justifique sua resposta.

11. Em sua opinião, a Feira Central: (você poderá assinalar mais de uma das opções abaixo)

- | | |
|--|--|
| <input type="checkbox"/> Faz parte da identidade cultural da cidade | <input type="checkbox"/> é ponto farroso da cidade |
| <input type="checkbox"/> Gera emprego e renda | <input type="checkbox"/> Pode ser considerada um símbolo da cidade |
| <input type="checkbox"/> Não possui importância nem representatividade | |

Você pode marcar diversas casas (4 no máximo).

12. A Feira Central é importante para você? Por quê?
